

## O LUGAR DA PSICOPEDAGOGIA NOS ESTUDOS DA AFETIVIDADE

Tereza Cristina Dantas Gomes<sup>1</sup>; Jânio Alexandre de Araújo<sup>2</sup>; Orientadora: Francinaide Barbalho Oliveira de Araújo<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Vale do Acaraú/Sesc-RN. [tetedantas2009@hotmail.com](mailto:tetedantas2009@hotmail.com);

<sup>2</sup>Centro Universitário Maurício de Nassau. [janioaraujori@gmail.com](mailto:janioaraujori@gmail.com);

<sup>3</sup>Universidade Vale do Acaraú

**RESUMO:** O psicopedagogo tem uma tarefa fundamental na escola, buscando com ela estabelecer uma parceria, em um primeiro momento, para escutar o que tem a dizer sobre o educando, suas dificuldades, sobre o modo como se relaciona com a aprendizagem, com o contexto escolar, com os professores e os colegas e também o que ela tem proposto para amenizar suas dificuldades. Nesse sentido, o fazer psicopedagógico se aproxima das buscas e efetivação de uma mediação cultural, visto que as vivências, dificuldades e subjetividades de um aprendente são colocadas em verbalização, disposto a uma solução por meio de intenções que conforte o desenvolvimento da atividade. Pensando nisso, o presente estudo centra-se no papel do olhar psicopedagógico na afetividade entre alunos e suas relações família, professor e escola. Refletir essas relações enfatizando as construções sociais que as diferentes esferas sociais citadas podem experienciar. Quanto fundamentação teórica principal foram trabalhadas, Wallon (2008), Gonzalez Rey (2005), Chalita (2004), Vygotsky (1993), Bataloso (2011), entre outros. A pesquisa é do tipo bibliográfica. Observamos que a afetividade escolar não incide somente entre o professor em sala, ou seja, existem outros profissionais que envolvidos no êxito das experiências escolares e afetivas do aluno. Quanto o papel psicopedagógico o envolvimento deve ser via intervenções, mas sempre se reportando nas práticas do educando em sala de aula, traçando estratégias e mergulhando na tarefa cooperativa para o melhoramento das habilidades cognitivas dos estudantes. Logo, a afetividade em fase de desenvolvimento nas intervenções psicopedagógicas assumem o papel de ente possibilitador para a ampliação do caráter emocional e do ganho de se trabalhar a inteligência emocional.

**Palavras-chave:** afetividade, psicopedagogia, cognitivo.

### 1 INTRODUÇÃO

A educação como estratégia de desenvolvimento do ser vem sempre passando por grandes questionamentos e reflexões que merecem o debate apurado dos profissionais que lidam essa temática, são então agentes de promoção essenciais da aprendizagem e da construção das informações cognitivo-afetivo, dessa forma um profissional que se apresenta como um dos promotores de tal construção é o psicopedagogo, que em suas várias atribuições está preocupado na fundamentação teórica e prospecção prática da afetividade.

Pensando nisso, o presente estudo centra-se no papel do olhar psicopedagógico na afetividade entre alunos e suas relações família, professor e escola. Refletir essas relações enfatizando as construções sociais que as diferentes esferas sociais citadas podem experienciar.

Entendemos também que o sujeito, especificamente, sujeito educando é caracterizado de emoções, preocupações, aflições, condições de vida afetiva e limitações de ordem intelectual, por

isso um ser de complexidades atribuído por uma mente de estrutura psíquica igualmente complexa.

Enxergamos a afetividade como instrumento importante para entender o sujeito educando e seus discursos, frente as exigências e condições estabelecidas na sociedade pós-moderna, ciente disso psicopedagogo como mediador de espaços educacionais deve ter por base o cuidado com tais discursos e como está sendo interpretado pelo professor e pela família, já que a sociedade ainda tem várias problemáticas estruturais que pode afetar negativamente a criança.

As intervenções psicopedagógicas quando propicia dinâmicas de afetividade podem estabelecer uma sintonia motivacional da criança, que resultará em melhorias nas propriedades cognitiva e emocional com seus pares escolares e com a família, implica ainda no desenvolvimento do trabalho do professor em sala de aula.

Emprazamos os estudiosos da educação e os demais leitores interessados para as discussões da afetividade e seu olhar na psicopedagogia institucional como elemento e campo de estudo importante para se trabalhar a mente e o contexto escolar das crianças, quanto formadores de sujeitos e mediadores de conhecimento.

Para Bastos (2015), o psicopedagogo tem uma tarefa fundamental na escola, buscando com ela estabelecer uma parceria, em um primeiro momento, para escutar o que tem a dizer sobre o educando, suas dificuldades, sobre o modo como se relaciona com a aprendizagem, com o contexto escolar, com os professores e os colegas e também o que ela tem proposto para amenizar suas dificuldades.

Compreendemos que o trabalho colaborativo dos vários profissionais da educação poderá garantir o entendimento multifacetado da vida afetiva dos educandos, ou, pelo menos, aproximações que possam ser necessárias para mudar e desenvolver a realidade dos alunos.

Quanto fundamentação teórica principal foram trabalhadas, Wallon (2008), Gonzalez Rey (2005), Chalita (2004), Vygotsky (1993), Bataloso (2011). Sendo que os questionamentos do estudo estarão amparados nessas e outras referências, garantindo assim, o rigor científico do estudo e seus respectivos resultados.

Além da introdução, logo após apresentaremos a metodologia da pesquisa, a discussão e o percurso teórico do estudo, que vão ver sobre os aspectos gerais da definição de afetividade, em seguida a perspectiva psicopedagógico sobre a temática central na escola e na relação ensinante e aprendente, posteriormente debateremos a questão da família e por fim, as considerações finais.

## **2 METODOLOGIA**

No intuito de conciliar os marcos teóricos de referências utilizados no presente artigo com as especificidades de cada dimensão do objetivo da pesquisa, fazemos o uso da pesquisa exploratória, sendo assim esclarecemos que tal tipo de caminho metodológico aproxima a questão da afetividade ao que as ciências humanas chamam de fenômeno social, já que o processo de ensino-aprendizagem faz parte desse rol de fenômeno e dar uma explicação histórico-cultural que deve ser estudada criticamente e desmitificada pelo pesquisador.

Nesse aspecto (THOMPSON, 2011, p. 365), aponta que:

Por mais rigorosos e sistemáticos que os métodos da análise formal ou discursiva possam ser, eles não podem abolir a necessidade de uma construção criativa do significado, isto é, de uma explicação interpretativa do que está representado ou do que é dito. O processo de interpretação mediado da análise sócio-histórica, como também pelos métodos de análise formal ou discursiva.

Ainda assim, elegemos como método a pesquisa de cunho bibliográfico e documental, fruto de uma análise de documentos e registros oficiais e também, faz uso de teses, dissertações, artigos escritos por outros pesquisadores da área. Em conformidade Casarin;Casarin (2012), relatam que pesquisa desse tipo pode proporcionar aos leitores um passeio na temática aos olhares de outros autores, configurando assim um cenário de pressuposto e ideias diversas as quais vão se construindo saberes.

### **3 PASSEIO TEÓRICO E DISCUSSÃO**

A afetividade corriqueiramente vem sendo tema discutido nos estudos da educação, vários pesquisadores já reconhecem a importância dessa dimensão para as práticas pedagógicas e particularmente na constituição de um sujeito aprendente, desse modo sabemos que a construção da aprendizagem do referido aprendente não é só realizada via processos sistematização em sala de aula por um professor, há também outras práticas pedagógicas, como as intervenções psicopedagógicas, que auxiliam na apropriação efetiva da afetividade, mas antes de analisarmos esses avanços no campo da educação, apresentamos o conceito de afetividade à luz das perspectivas dos autores da área.

Quando tratamos de afetividade, um dos conceitos mais lembrados é do filósofo francês Wallon, que aponta na afetividade uma predominância funcional das dimensões cognitivas, que vai estar presente desde o momento inicial do desenvolvimento humano e posteriormente dinamiza a comunicação com o mundo. Que se diferencia das emoções, por isso para o estudioso “a emoção corresponde a um estágio da evolução psíquica situado entre o automatismo e a ação objetiva, entre

a atividade motriz, reflexa, de natureza fisiológica e o conhecimento” (WALLON, 1971, p. 91)

O autor traz também a noção de domínios funcionais na perspectiva da afetividade “entre os quais vai se distribuir o estudo das etapas que a criança percorre serão, portanto, os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa” (WALLON, 2008, p. 117). O que significa que a afetividade entrelaça com o ser e seu cognitivismo. Desta forma, a emoção é caracterizado como a manifestação da subjetividade de dimensões orgânicas e sentimentos mais momentâneos.

A afetividade então está relacionada as vivências e a complexidades das mais variadas formas de expressão, ou seja, mais amplo e com apropriação simbólico das representações culturais, interferindo na atividade cognitiva e emoções viabilizando o desenvolvimento dessas.

Ainda Wallon (2008), o afeto é indispensável para o desenvolvimento do aprendente, este poderá existir através do relacionamento entre discente e docente e é algo de grande importância não apenas na vida escolar de cada aluno, mas no seu desenvolvimento como um todo, pois nesta relação desenvolvem capacidades cognitivas, motoras e afetivas.

Corroborando com todos esses conceitos (GRATIOTAL-FANDÉRY 2010, p. 110).

[...] A afetividade refere-se a um conceito mais amplo, que engloba a emoção (componente orgânico e motor-posturas que indicam o nível de tensão e relaxamento, corporal, plástico), sentimentos (componente cognitivo e representacional) e a comunicação (componente expressivo).

O afeto e a cognição são elementos inseparáveis, porém por um processo pós-modernista muitas práticas pedagógicas e questões civilizatórias insistem em dividi-los, desenhado por relações cada vez mais distantes e do sujeito e da relevância afetiva dos seus pensamentos. Estamos tratando então do caráter social da afetividade permeada por um processo de manifestação simbólica das teorias e suas práticas no contexto escolar.

No plano de denúncia da divisão histórica de afetividade e cognição no processo de desenvolvimento humano (VIGOTSKY, 1993, p.6) diz que:

Enquanto objetos de estudo, é uma das principais deficiências da psicologia tradicional, uma vez que esta apresenta o processo de pensamento como um fluxo autônomo de pensamento que pensam a si próprios, dissociados da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa.

Empreendemos que a aprendizagem trata-se de um momento processual dinâmico e por isso, deve-se respeitar os elementos culturais, quando dividimos afetividade e cognição nesse processo histórico e cultural, se deparamos com atitudes que distanciam ao sujeito do conhecimento e da

compreensão de suas subjetividades.

Imaginem estudantes que são trabalhados apenas as questões das condições cognitivas, sem que levem em conta a afetividade. Poderíamos já prever reações de exigências de inteligência puramente, mas sem o apego ao conhecimento e a análise do seu comportamento frente a situações importantes, que os níveis afetivos podem proporcionar.

Como conjunto amplo de manifestações sociais que imprimem as relações humanas, esclarecemos nas palavras de PINO (mimeo) que a afetividade “são relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto”. Nessas condições o profissional psicopedagogo precisa olhar o processo de desenvolvimento da sensibilidade que possibilita a constituição da afetividade.

A dimensão afetiva na relação pedagógica precisa, portanto, ser entendida como um dos fatores que potencializa a relação do estudante com a vida escolar. Desse ponto de vista, faz-se necessário que os profissionais da educação se tornem mais atentos e mais sensíveis às questões de natureza afetivas de seus aprendizes, procurando interessar-se em conhecer suas potencialidades e limites.

Nessa conjuntura, o educador poderá repensar a sua prática, precedendo o futuro do educando, possibilitando a formação para a vida, acentuando as suas capacidades cognitivas, afetivas e sociais, lhe possibilitando tornar-se um ser humano feliz, com uma visão positiva de si mesmo, capaz de desenvolver o seu papel na sociedade enquanto indivíduo, uma vez que a função da escola não se limita apenas em transmitir conhecimentos, mas também na formação de pessoas conscientes e equilibradas emocionalmente. Complementado com as contribuições do saber psicopedagógico que estabelece mediações e o trabalho cooperativo

Diante dessas reflexões passemos doravante para os comentários teóricos sobre o papel do psicopedagogo ou psicopedagoga no desenvolvimento da afetividade do aprendente.

### **3.1 O olhar psicopedagógico na afetividade**

A psicopedagogia nos estudos dos grandes debates atuais, já encontra-se consolidada em termos de quantitativo desde os anos setenta, quando foi regulamentado, sendo que essa ramificação da educação é reconhecida estrategicamente essencial para o desenvolvimento educacional e projetos da escola e/ou clínica.

Por outro lado, o que podemos observar que em termos qualitativos, a psicopedagogia ainda precisa caminhar muito, pois cada vez mais os desafios das dificuldades de aprendizagem, a fixação

de marco e a emergência de uma fiscalização da prática legal profissional são crescentes.

No entanto, esses impasses e debates não são os focos do presente artigo, apesar de importantes, discutiremos a psicopedagogia quanto contribuidora na afetividade no espaço escolar e como ferramenta educacional multidisciplinar, refletindo sua influência e efeitos.

Portanto, os aspectos psicopedagógicos sumariamente são definidos conforme Bataloso (2011), a junção de procedimentos, atividade, conhecimentos e recursos didáticos que analisam as exiguidades das pessoas em seu ambiente e nas diversas etapas do amadurecimento.

Nessa esteira, Scoz (1994), contribui em dizer que a psicopedagogia faz um resgate não somente da pedagogia e psicologia como igualmente na busca de uma visão global e contextualizada socialmente, voltando-se para a multiplicidade dos conhecimentos do ser humano. Partindo dessas considerações, a psicopedagogia dar ênfase aos aspectos sociais, emocionais, afetivos e cognoscitivos.

Quando pesquisamos os estudos de afetividade no espaço escolar damos conta do grande número de contribuições dessa ferramenta em sala de aula, a relação ensinante e aprendente é sem dúvida a interpretação mais evidente e instigante nas quais se desenvolvem e resolvem as problemáticas e estratégias, porém como foi reafirmado em linhas anteriores desse trabalho, a afetividade vincula-se muito bem a um contexto multidisciplinar e claramente nesse aspecto a contribuição do profissional psicopedagogo se desenvolve no aspecto de mediador dessa afetividade, já que sua visão possui o caráter holístico e socialmente reflexivo.

Por sua vez, entendemos que o psicopedagogo ou psicopedagoga também são professores ou professoras, isso é o que ocorre em muitos casos na realidade brasileira. Quanto o papel psicopedagógico o envolvimento deve ser via intervenções, mas sempre se reportando nas práticas do educando em sala de aula, traçando estratégias e mergulhando na tarefa cooperativa para o melhoramento das habilidades cognitivas dos estudantes.

Em defesa da integração diversificada dos profissionais nos processos de afetividade (FERNANDEZ, 1991, p. 130) , conceitua o saber psicopedagógico como:

[...] trabalho de autoanálise das próprias dificuldades. O que um pretende fazer a outro, tem que praticar consigo mesmo, constatar com as próprias faturas na aprendizagem, com a história de aprendizagem pessoal, com os personagens ensinantes e aprendentes de si, mesmo, e ver como jogaram e seguem atuando

Reparamos que em síntese é possível constatar que a afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo psicopedagogo, o que extrapola a

sua relação “tête-a-tête” com o aprendiz.

Nesse sentido, o fazer psicopedagógico se aproxima das buscas e efetivação de uma mediação cultural, visto que as vivências, dificuldades e subjetividades de um aprendiz são colocadas em verbalização, disposto a uma solução por meio de intenções que conforte o desenvolvimento da atividade.

Destarte, “existe uma necessidade do desenho da intervenção a partir da reflexão sobre e na prática e a análise concreta da situação escolar”, (BATALLOSO, 2011, p. 112). Assumimos que a qualidade da interação entre o profissional e tal estudante se dá por meio das intervenções mediadas, logo são passos para o sucesso escolar.

Lembrando que a todo modo, o professor em sala de aula sinaliza as dificuldades de aprendizagem ou de qualquer tipo para o psicopedagogo e prontamente esses dois profissionais devem executar ferramentas apropriadas para a problemática em questão que podem ser de cunho linguístico, lógico-matemático, espacial-motor e outros em sintonia.

Quanto o papel psicopedagógico o envolvimento deve ser via intervenções, mas sempre se reportando nas práticas do educando em sala de aula, traçando estratégias e mergulhando na tarefa cooperativa para o melhoramento das habilidades cognitivas dos estudantes. em um processo contínuo próprio do sujeito, já que as questões emocionais reflexivamente devem ser encaradas pela incompletude do saber, ou seja, não existe uma razão objetiva despreendida dos sentimentos. Não existe um cérebro racional que flutue por cima das emoções ou que se comporte independente dos mesmos, são as emoções que precedem e constituem o ponto de partida ações. Batalloso (2011).

### **3.2 Das reflexões entre criança, família e a afetividade**

Como processo sócio-histórico o sujeito no momento escolar passa por diversas experiências que culminam em contextos ricos para o debate das habilidades cognitivas, sendo que o processo de escolarização pode carregar em si vários fatores de pressão social, e isso inicia no núcleo familiar, por questões bem claras, já apresentados nos discursos da sociologia. Que vão desde as imposições de uma aprendizagem de acordo com o momento pós-moderno até os conflitos e problemáticas dentro dessa instituição social. Nesse prisma (BOSSA, 2002, p. 54) sustenta o posicionamento que “o mundo moderno, ao postular a criança ideal, supostamente universal, acabou por realizar a negação das diferenças e, conseqüentemente, da subjetividade de toda criança que não conseguisse responder a esse ideal”.

Descortinamos que o ser é o resultado da conjunção de inúmeros confrontos e pressões

sociais, ao chegar no âmbito da família algumas atenuantes emocionais são levadas à baila.

Uma abordagem afetiva centrada no sujeito e especificamente, na criança que necessita da busca de se trabalhar junto, tentando auxiliar não apenas o educando, mas a ambos, a psicopedagogia possui essa grande qualificação, que é entender e tentar encontrar soluções na constituição emocional da pessoa em detrimento do contexto inserido, no caso o familiar.

Quanto a essa constituição do sujeito e os aspectos familiares corrobora (GONZALEZ REY, 2005, p. 159), dizendo que “é o resultado de uma vida social com história e que, em suas ações e seus relacionamentos na família, produz sentido subjetivo que é inseparável das configurações subjetivas de sua condição histórico-social.”

Ao observar o núcleo familiar, as intervenções psicopedagogias estará sustentada por argumentos para entender o motivo de determinadas dificuldades de aprendizagem, os estímulos e as variadas questões que essa instituição social chamada família pode influenciar.

Em virtude disso, os psicopedagogos devem criar laços profissionais e de afetividade, para que, a partir de um reconhecimento das dificuldades compartilhadas, trabalhem a favor de soluções definitivas para essas dificuldades. Além do que, o aprendente precisa ser amado e respeitado no espaço de construção do conhecimento, uma vez que a interação afetiva auxilia ainda mais na compreensão e na modificação da pessoa. Costa (2016).

O contexto da efetividade no aspecto mais enfatizado para as reflexões sociais requer que o psicopedagogo tenha em mente as habilidades educacionais que almeja desenvolver nos alunos, desse modo Chalita (2004), apresenta três habilidades importantes para compreendermos, a primeira é a habilidade cognitiva que tem a ver com as dimensões da aprendizagem e a seleção de conteúdos para cada faixa etária, já segunda é a habilidade social, nessa estão inseridos o que em linhas anteriores apresentamos, ou seja, as pressões sociais, os desafios de convivência no seu conjunto de realidades e por fim a habilidade emocional, que para o pesquisador não é possível desenvolver as outras duas habilidades sem que a emoção seja trabalhada.

Logo, a afetividade em fase de desenvolvimento nas intervenções psicopedagógicas assumem o papel de ente possibilitador para a ampliação do caráter emocional e do ganho de se trabalhar a inteligência emocional.

## **PALAVRAS FINAIS**

Podemos afirmar que os aspectos emocionais influenciam não somente nos aspectos de sucesso educacional, mas igualmente no contexto amplo da vida social de um sujeito. Quando o

aprendente tem uma relação afetiva com seus ensinantes pode-se estabelecer uma nova relação que favorece o conhecimento. Desse modo, também podemos constatar no presente estudo que a afetividade escolar não incide somente entre o professor em sala, ou seja, existem outros profissionais que envolvidos no êxito das experiências escolares e afetivas do aluno. Como reafirma Wallon (1971), “a emoção necessita suscitar reações similares e recíprocas em outrem e (...) possui sobre o outro um grande poder de contágio”, sendo assim tratar das emoções é também um empreendimento coletivo que evoca o compromisso do educador e instiga as potencialidades educacionais.

A psicopedagogia mostra-se como mediadora e colaborativa, sobretudo, das questões que envolvem os aspectos cognitivos e de contexto sócio-histórico, por meio de suas observações e indicações de conteúdo, ações e formações para os demais profissionais da educação. Defendemos então, a presença desses especialistas no processo escolar situado na compreensão, observação, na escuta e na busca de estratégias que minimizam as dificuldades do educando. As dimensões afetivas são, portanto, questões que não podem ser ignoradas e precisam ser incluídas na agenda de discussão dos psicopedagogos.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, A. B.B.I. **Psicopedagogia clínica e institucional**: diagnóstico e intervenção. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- BATALLOSO, Jean Miguel. **Dimensões da psicopedagogia hoje**: uma visão transdisciplinar. Brasília: Editora Liber Libero, 2011.
- BOSSA, Nadia A. **Fracasso Escolar**: um olhar psicopedagógico: São Paulo: Artemed, 2002
- CASARIN, H. C. Silvia; CASARIN, S. J. Carlos. **Pesquisa Científica**: da teoria à prática. Curitiba: Intersaberes, 2012.
- CHALITA, G. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2004.
- COSTA, R. E. **A Importância da Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem**: perspectiva de formação integral do aprendiz. 2016. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- FERNÁNDEZ. A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e Subjetividade**: Uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GRATIOT-ALFANDÉRY, H. O Projeto de reforma do ensino médio. Langevin – Wallon e a psicologia escolar. In: **Henri Wallon**. Massangama, 2010.

PINO, A. (mineo) **Afetividade e vida de relação**. Campinas, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

SCOZ, B. J. L. **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. Rio de Janeiro/; Vozes, 1994.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2011.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.